

A FERRAMENTA INSERÇÃO DE COMENTÁRIOS A SERVIÇO DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

Raquel Tiemi Masuda Mareco/Universidade Estadual de Maringá
Gelise Alfena/Universidade do Oeste Paulista

RESUMO: O avanço da tecnologia tem provocado mudanças consideráveis na sociedade e no perfil de nossos alunos nesses últimos anos (acesso à informação, modos de interação e comunicação, entre outros). Conseqüentemente, essas mudanças fazem com que haja grande necessidade de também se buscar alternativas nas metodologias utilizadas em sala de aula, a fim de que o aluno deixe de ser mero receptor de informações e passe a atuar como protagonista dentro do processo educacional. Dessa forma, o computador pode instituir-se como um recurso auxiliar do professor, pois ele possibilita ao aluno construir seu próprio conhecimento, de forma mais autônoma, para que atue no mundo e com o mundo. A partir dessas considerações, procuramos, neste trabalho, promover uma atividade diferenciada com alunos do 5º período do curso de Letras de uma instituição particular, utilizando a ferramenta “inserção de comentários”, disponível no editor de textos *Word*, com o objetivo de que esses graduandos pudessem refletir acerca dos aspectos de coesão e coerência necessários para que um texto apresente unidade, ou seja, textualidade. No final do processo, esses alunos redigiram um texto dissertativo-argumentativo expondo os principais requisitos necessários para que um texto possa ser considerado bem escrito, por assim dizer, de excelência. Com isso, constatamos que o processador de textos auxilia sobremaneira no processo de correção textual, porém, muitos discentes trazem arraigadas na sua prática a relação entre correção gramatical e correção textual como sinônimos.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia. Educação. Linguística Textual. Mudança. *Word*.

ABSTRACT: Technology advance has caused considerable changes in society and in our students' profile in the last years (access to information, ways of interaction and communication, among others). Consequently, these changes also make necessary the search for new methodologies in classroom, in order to make students actors in the educational process. Thus, computer can establish itself as an auxiliary resource to teachers, because it makes student build his own knowledge, in an unattended way, in order to act in the world and in the job market. From these considerations, we intend, in this work, to give a different activity to the students from the last year of a Modern Language Course in a private university, in which the PC tool “comments insertion”, available in the text editor *Word*, in order to make these undergraduates think about the cohesion and coherence aspects necessary to make a text have textuality. At the end of the process, these students wrote an argumentative text exposing the main necessary requirements that make a text a considered well written text, as it were, of excellence. At the end of the research, we've concluded that the text processor helps greatly in the textual correction, but, a lot of students still bring rooted in their practice the relation between traditional grammar and good text as synonyms.

KEYWORDS: Technology. Education. Textual Linguistics. Changing. *Word*.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O uso de mídias na escola tem crescido cada vez mais no cenário educacional contemporâneo. Apesar disso, muitos equívocos relacionados ao uso de novas metodologias e à prática docente ainda estão arraigados na nossa sociedade, em especial nos discursos de profissionais da educação e nos de pais que, por desconhecimento, não imaginam quais os reais benefícios que o uso do computador, por meio das ferramentas que ele oferece, pode trazer ao estudante e ao professor.

Ao tratarmos do tema implantação do computador na educação, devemos, necessariamente, levar em conta quatro ingredientes básicos: o computador, o *software* educativo, o professor capacitado e o aluno. O ensino pelo computador visa fazer com que o aluno seja capaz de adquirir conceitos de qualquer domínio por meio de máquinas. Contudo, isso poderá acontecer de duas formas caracterizadas pelos mesmos “ingredientes” (os computadores, o *software* e o aluno), mas de maneiras diferentes: o computador, através do *software*, ensina ao aluno e, do outro, o aluno, por meio do *software*, “ensina” ao computador¹ (VALENTE, 1999).

Apesar das inúmeras possibilidades de utilização, a educação e, conseqüentemente, o professor contemporâneo, de um modo geral, encontram-se em crise e longe de utilizá-los adequadamente. Muitos dos professores que atuam hoje passam por um momento de transição, pois quando iniciaram suas carreiras não havia toda a tecnologia hoje disponível e agora têm que lidar com isso, incorporando, aos poucos, o uso de tecnologias em suas salas de aula. O profissional docente que se forma nessa era digital deve, durante seu processo de formação, ter oportunidade de conhecer maneiras efetivas de utilizar, em sua (futura) sala de aula, as tecnologias a favor da aprendizagem.

Diante dessa realidade, temos por objetivo geral discutir como uma ferramenta tecnológica simples pode ser inserida no cotidiano do professor e auxiliar no processo de correção de textos. A fim de ampliar nossa reflexão, traçamos quatro objetivos específicos: a) fazer com que o futuro professor de Língua Portuguesa aprimore naturalmente o conceito de texto difundido pela Linguística Textual; b) proporcionar um contato do futuro professor com uma atividade comum de sua profissão, a correção de textos; c) colocar o futuro professor em contato com uma das ferramentas que podem auxiliá-lo nas tarefas de sua profissão; d) promover o contato dos graduandos com textos autênticos, para que possam lidar mais naturalmente/pragmaticamente com os aspectos de coesão e coerência textual quando estiverem no exercício da profissão, especialmente com os aspectos lógico-semânticos e sintáticos.

A principal base teórica de nossa discussão é a Linguística Textual, que defende a ideia de que o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, pois envolve diferentes fatores pragmáticos (ato de fala, intenção, interação, situação de comunicação, entre outros aspectos). Assim, o texto será visto como unidade linguística dotada de tecitura/textualidade, a partir da execução de uma atividade pragmática que envolve o uso da tecnologia, em especial o processador de texto.

Nossa concepção de linguagem é a de instrumento de comunicação e de interação comunicativa em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico-cultural, com base na teoria sociointeracionista de Vygotsky e não só como mera exteriorização do pensamento ou mero instrumento de comunicação, como produto acabado, com sentido em si, como vem sendo abordado na educação contemporânea. Vejamos o que afirma o autor:

[...] se levarmos em conta que a fala humana emergiu da necessidade de se estabelecer relações sociais no processo de trabalho e que essas relações requerem a generalização e o desenvolvimento do significado verbal, decorre daí que o significado é não apenas a molécula ou a unidade do pensamento e da fala, mas uma unidade de generalização e interação social, uma unidade de pensamento e comunicação (VYGOTSKY, 1987 *apud* TUNES, 2000, p. 39).

Nossos procedimentos metodológicos ocorreram em três fases: i) coleta dos textos produzidos por alunos do nono ano do Ensino Fundamental de um colégio particular da cidade de Presidente Prudente-SP; ii) seleção de dois textos: um tido como “adequado” e outro como “inadequado”, segundo critérios estabelecidos pela Linguística Textual; iii) correção desses dois textos feita por graduandos do 5º período do curso de licenciatura em Letras de uma universidade privada, também localizada em Presidente Prudente-SP. Ressaltamos que não temos por objetivo analisar, neste trabalho, o conteúdo dos comentários inseridos, mas observar como a utilização da ferramenta pode auxiliar no processo de correção de textos de forma objetiva, podendo proporcionar aos alunos um *feedback* específico e organizado.

Organizamos a discussão teórico-analítica da atividade supracitada em cinco partes. Na primeira, abordamos a questão de como a sociedade vem se adaptando às inovações tecnológicas (computadores, projetores, internet, *softwares*, entre outros). Na segunda, apresentamos algumas mudanças no modo de aprendizagem que foi do ciclo assimilação-adaptação-acomodação (PIAGET, 1976) ao espiral, que pressupõe aprendizagem contínua (VALENTE, 2002). Na terceira parte, tratamos da leitura e da escrita sob o viés da Linguística Textual. Na quarta, demonstramos, com base em nosso *corpus*, como o computador pode auxiliar o professor na correção de textos. Essa demonstração foi feita já inserindo nossos procedimentos metodológicos. Ressaltamos que não se trata de um trabalho de análise de atividades, mas de uma breve descrição teórico-analítica de um estudo de caso, no qual consideramos o processo e o produto e não apenas o produto. Na última parte, apresentamos as considerações a que chegamos por meio das reflexões expostas neste trabalho.

1 A TECNOLOGIZAÇÃO DA SOCIEDADE

Castells (1999) afirma que a ciência e a tecnologia exercem grande influência sobre os modelos de Educação que vêm sendo propostos; consequência de um capitalismo que entrava em crise no final do século XX e precisava se reerguer economicamente. Diante desse cenário, o capitalismo produziu, nos últimos anos, como afirma Mill (2009, p. 33),

um discurso tecnológico, em que se disseminou certa obrigatoriedade na adoção das tecnologias digitais. Isso estimulou não apenas o desenvolvimento de novas tecnologias de base eletrônica, informática e telecomunicacional, mas também criou certa “necessidade” de incorporação dessas tecnologias nos diversos setores da economia. O setor educacional não poderia ser exceção, embora tenha sido um dos últimos.

Segundo Freire (2009, p. 14), o acesso às novas tecnologias “viabiliza outras interfaces, práticas e linguagens, compelindo-nos a lidar com multiletramentos e a considerar requisitos originais tanto para o pertencimento de grupos específicos como para a definição do que poderia ser

considerado inclusão ou exclusão”.

No caso da internet, da Educação a Distância, o contexto educacional acontece em tempo e espaço diferentes para o professor e o aluno. Portanto, uma pesquisa sobre o uso de tecnologia na educação pressupõe uma reflexão a respeito do tempo. Segundo Castells (1999, p. 459), “as sociedades contemporâneas ainda estão em grande parte dominadas pelo conceito do tempo cronológico”. O autor complementa que

Esse tempo linear, irreversível, mensurável e previsível está sendo fragmentado na sociedade em rede, em um movimento de extraordinária importância histórica. [...] a mistura dos tempos para criar um universo eterno que não se expande sozinho, mas que se mantém por si só, não cíclico, mas aleatório, não recursivo, mas incursor: tempo intemporal (CASTELLS, 1999, p. 460).

Embora consideremos a internet uma das mais importantes revoluções tecnológicas, consideramos, também, que há outros usos do computador, sem a internet, que podem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem na formação de professores. Neste trabalho, por exemplo, os participantes utilizam recursos disponíveis no *Word*ⁱⁱ sem a necessidade de acesso à internet. Necessitam apenas de um computador que tenha esse *software* instalado.

Se fizermos uma análise retrospectiva acerca da utilização dos computadores em nossas vidas, perceberemos que houve uma rápida “tecnologização”ⁱⁱⁱ sócio-cultural da população brasileira e que a utilização dessa tecnologia na educação também tem provocado uma revolução significativa na concepção de ensino e aprendizagem. Contudo, existem também muitos aspectos negativos resultantes dessa “tecnologização”, como, por exemplo, o fato de que os computadores podem ser utilizados de modo que venha a mascarar os métodos tradicionais de ensino, reproduzindo aquilo que acontece e acontecia em uma sala de aula antiga e tradicional.

Os primórdios do uso do computador têm suas raízes na década de 20, especificamente em 1924, com o Dr. Sidney Pressey que inventou uma máquina para corrigir testes de múltipla escolha. Posteriormente, no início de 1950, com o behaviorista Skinner que propôs uma máquina para ensinar usando o conceito de instrução programada (VALENTE, 1999; 2002).

No entanto, o computador não pode ser classificado como uma “máquina de ensinar” (VALENTE, 2002), mas como uma nova mídia educacional, mais especificamente uma ferramenta educacional de complementação, de aperfeiçoamento e de mudança no ensino. Tudo isso significa que os alunos deixam de memorizar a informação pronta, modo obsoleto de se estudar, e passam a buscá-la e a usá-la ativamente. Dessa forma, eles se tornam capazes de desenvolver a autonomia, para que possam “aprender a aprender” e instituir-se como cidadãos crítico-reflexivos preparados para atuarem na sociedade e, conseqüentemente, no mercado de trabalho.

As diferentes modalidades de uso do computador na educação continuarão a coexistir. Cabe ao profissional da educação adequá-las às diferentes situações de ensino-aprendizagem, “preparando-se” para utilizá-las do modo consciente. Afinal, segundo Castells (2003), só há vantagens no uso da internet e da tecnologia educacional em geral quando os professores se mostram preparados para utilizar esses recursos.

No mundo contemporâneo, saber utilizar esse recurso tecnológico torna-se cada vez mais urgente em qualquer setor social. Ainda que muitos estudiosos defendam que sua disseminação só irá aumentar as desigualdades sociais, promover desastres mentais, influenciar o processo de raciocínio, dentre outros “problemas”, não há como menosprezar o fato de que os

computadores e a tecnologia, de modo geral, irão influenciar o modo de pensar e agir das pessoas (PAPERT, 1985).

De acordo com Papert (1985), há maneiras de se tirar vantagens educacionais da oportunidade de dominar a arte de deliberadamente pensar como um computador, pois há situações em que o ato de se pensar de maneira seriada, literal e mecânica é apropriado e útil. O autor afirma, também, que há outra vantagem educacional mais importante, apesar de indireta. Vejamos:

Ao aprender deliberadamente a emitir o pensamento mecânico, o estudante torna-se capaz de articular o que é pensamento mecânico e o que não é. Esse exercício pode aumentar a confiança na habilidade de escolher um estilo cognitivo que sirva a um determinado problema. A análise do “pensamento mecânico” e de como se difere dos outros, bem como a prática na análise de problemas, podem resultar num novo grau de sofisticação intelectual (PAPERT, 1985, p. 45).

Isso significa que em vez de levar a uma mecanização do pensamento, o uso dessa ferramenta possibilitaria o desenvolvimento do aprendizado de modo significativo, pois levaria o aluno a “aprender a pensar” articuladamente e a deixar de ser submisso a uma aprendizagem mecânica, passando para uma aprendizagem significativa^{iv}.

Os ambientes educacionais atuais são extremamente pobres em recursos que estimulem o “pensar sobre o pensar” e a “exteriorizar esse pensar”. O uso adequado e consciente do computador poderia modificar essa situação. Portanto, devemos pensar em estabelecer uma nova relação entre usuário e essa ferramenta, que deixe de ser em ciclo e passe a existir em espiral.

2 DO CICLO À ESPIRAL: APRENDIZAGEM NA RELAÇÃO COM O COMPUTADOR

Conforme Valente (2002), a ideia de ciclos, movimentos contínuos para novas compreensões, é central nas teorias de estudiosos como Piaget (1976), Vygotsky (1991), Wallon (1989) e D’Ambrosio (1986). Piaget (1976) utilizou a ideia do ciclo assimilação-adaptação-acomodação^v. Ele enfatizava que são os desequilíbrios e “os conflitos as fontes de progresso do desenvolvimento do conhecimento, e uma vez perturbados, o sistema tende a se reequilibrar” (PIAGET, 1976 *apud* VALENTE, 2003, p. 8-9).

Portanto, com base em Piaget (1976) e nos estudos supracitados, podemos considerar que o ciclo na interação com o computador possui características que são importantes na aprendizagem, pois possibilita a construção de novos conhecimentos. Segundo Valente (2002, p. 23),

[...] a ação realizada com esta máquina [o computador] é mediada por descrições sobre como o usuário pretende resolver o problema. [...] o usuário tem de dar ordens a ele, e estas ordens ainda são feitas por meio de descrições usando algum tipo de software, como linguagem de programação, planilhas de cálculo, processadores de texto, etc. [...] as respostas dadas pelo computador são fieis, desprovidas de qualquer animosidade ou afetividade que possa haver entre o aprendiz e a máquina.

O ciclo que acontece no processo de programar o computador permite ao aluno resolver

um problema e obter um resultado. Sob o ponto de vista educacional, é imperativo que a atividade de programação gere novos conhecimentos. Nesse sentido, Papert (*apud* VALENTE, 2003) destaca a importância de enriquecer os ambientes de aprendizagem onde os sujeitos atuarão.

O atual cenário educacional, seja nas instituições públicas ou particulares, com ou sem “aparatos técnico-educativos”, insiste em tratar o aluno como mero receptáculo de informações, totalmente passivo, uma espécie de “conta-poupança”^{vi}. O que diria Stefan Zweig sobre o país do futuro se ainda estivesse vivo^{vii}. Em contrapartida, Papert, (1985, p. 8, *apud* VALENTE, 2002) acredita que a educação não deve ser encarada dessa forma, mas sim vista como a superposição de dois subproblemas que devem ser superados separadamente: a questão sócio-político-econômica e a questão da melhoria do ensino em si.

Na linha de pensamento que retratamos até então, a ideia de ciclo tem sido utilizada para entender como o computador pode auxiliar um aprendiz a construir novos conhecimentos sobre conceitos, resolução de problemas, sobre aprender a aprender e os processos e as estratégias utilizadas durante o processo de aprendizagem. Já sob outro viés, acredita-se que o processo de construção do conhecimento é melhor representado pela ideia de espiral.

A utilização da ideia de espiral para representar o processo de construção de conhecimento é muito mais ampla do que a de ciclo. Ciclo passa uma ideia de repetição, de periodicidade, de ordem, de fechamento, com início e fim coincidentes, o que representaria conhecimentos que não crescem e que são repetidos. Já espiral, de conhecimento que cresce continuamente, o que vai ao encontro daquilo que ocorre durante a interação aprendiz-computador (VALENTE, 2002, p. 8).

Impossível, também, não estabelecermos uma relação entre essas considerações e as concepções de Vygotsky, autor sociointeracionista cujos estudos permearam a questão da linguagem e do pensamento, bem como enfatizaram a importância da presença do mediador durante o processo de construção do conhecimento. E é essa linha que será adotada neste trabalho, em especial.

3 A LEITURA E A ESCRITA SOB O VIÉS DA LINGUÍSTICA TEXTUAL

Considerando a ótica Vygotskyana, a construção de sentido do texto ocorre na interação social, pois ler é atribuir significado ao texto que está repleto de lacunas deixadas pelo locutor e que serão preenchidas pelo interlocutor. Para Leffa (1996, p. 14),

A visão da realidade provocada pela presença do texto depende da bagagem de experiências prévias que o leitor traz para a leitura. O texto não contém a realidade, reflete apenas segmentos da realidade, entremeados de inúmeras lacunas, que o leitor vai preenchendo com o conhecimento prévio que possui do mundo.

Portanto, entendemos que a leitura, sob esse ponto de vista, deixa de ser linear, palavra por palavra, e passa a se instituir como um processo contínuo de levantamento de hipóteses que são feitas a partir da sua microestrutura (aspectos linguísticos). Por assim ser, não podemos nos abster da metáfora do *iceberg* apresentada por Koch e Travaglia (1997). Os autores afirmam que todo texto é uma espécie de *iceberg*, com uma pequena parte visível e a maior parte submersa, ou seja, a materialidade textual que nos é apresentada é apenas a ponta desse *iceberg*. Para alcançarmos uma

compreensão mais aprofundada do texto, precisamos fazer inferências (levantar hipóteses) e preencher lacunas.

Em geral, todos nós concordamos sobre a importância da leitura e da escrita, sobre a necessidade de crianças e jovens desenvolverem o hábito de ler e escrever e sobre o papel da escola em formar leitores e escritores competentes.

Assim, ambos os atos, de ler e escrever, hoje, tornaram-se os assuntos mais discutidos no meio acadêmico e nas escolas de Ensino Fundamental e Médio. Eles, também, tornaram-se objetos de debates calorosos entre profissionais da área de educação, em virtude da dificuldade de se chegar a um consenso acerca de qual seria a melhor metodologia para adotar e atingir o seu real objetivo: fazer com que o aluno seja capaz de ler e escrever proficientemente um texto em língua portuguesa. Porém, neste trabalho, em especial, toda a atenção será voltada ao processo de produção textual e às reflexões que podem ser feitas em cima dele por parte dos futuros professores de Língua Portuguesa, com o auxílio do *word*, especificamente da ferramenta “inserção de comentários”.

Diante disso, o conceito de texto que será desenvolvido neste trabalho é o pertencente à Linguística Textual ou Linguística do Texto, uma corrente relativamente moderna que surgiu na década de 60, na Europa, mas que ganhou projeções mais significativas somente na década de 70. Inicialmente, essa disciplina visava apenas descrever os fenômenos sintático-semânticos ocorrentes em enunciados, semelhantemente ao que já havia sido feito com as frases e que ficou conhecido como análise transfrástica (KOCH, 2004). Durante esse período não se fazia, ainda, uma distinção clara entre os aspectos de coesão e coerência mais voltados às questões pragmáticas propriamente ditas.

Marchuschi (1991 *apud* KOCH, 2004, p. 10) define a Linguística do Texto como “o estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção dos textos escritos ou orais”. Por assim ser, a Linguística Textual assume como seu objeto de investigação não mais as frases isoladamente, mas o texto e os diferentes fenômenos linguísticos existentes por detrás dele. Portanto, de acordo com KOCH (2004), a diferença entre frase e texto não é meramente de ordem quantitativa, mas sim de ordem qualitativa.

Dessa forma, passou-se a estudar os elementos que formam um texto, ou seja, os elementos responsáveis pela sua textualidade ou tecitura. Como defendem Koch e Travaglia (1997, p. 26),

Aquilo que faz de uma sequência linguística um texto e não uma sequência ou um amontoado aleatório de frases ou palavras. A sequência é percebida como texto quando aquele que a recebe é capaz de recebê-la como uma unidade significativa global.

Em outras palavras, passou-se a dar importância às características ou fatores que fazem com que um texto deixe de ser um emaranhado de frases. Entre esses elementos estão a coesão, que tem a ver com os aspectos linguísticos, a coerência, que tem a ver com o nexos entre as ideias textuais, os fatores pragmáticos que são: o conhecimento linguístico, o conhecimento de mundo, o conhecimento compartilhado, as inferências, a informatividade, a situacionalidade, a intertextualidade, a intencionalidade e a aceitabilidade.

Sob esse ponto de vista, o texto deixa de ser algo “pronto” ou “acabado”, bem como deixa de ser uma sequência de frases isoladas ou distribuídas aleatoriamente. Podemos dizer que

O texto é “qualquer expressão de um conjunto linguístico num ato de comunicação – no

âmbito de um ‘jogo de atuação comunicativa’ – tematicamente orientado e preenchendo uma função comunicativa reconhecível, ou seja, realizando um potencial ilocucionário reconhecível” (SCHMIDT, 1973 *apud* KOCH, 2004, p. 10).

O texto ainda pode ser compreendido como “uma unidade de linguagem em uso, cumprindo sua função identificável num dado jogo de atuação sociocomunicativa” (VAL, 2004, p. 3).

Toda comunicação humana também se dá por meio de textos, pois não nos comunicamos por meio de palavras ou frases isoladas. Todo enunciado linguístico que traga uma intenção comunicativa, independentemente de sua extensão, e que tenha unidade semântica é um texto, por isso não há como nos comunicarmos senão por meio de textos.

As definições de texto mostram-nos que o texto não significa por si mesmo e que grande parte dos conhecimentos necessários à sua compreensão depende da capacidade de pressuposição e inferência do receptor (VAL, 2004). Assim, seu sentido é construído a partir dele, de suas manifestações linguísticas, por meio de um jogo interativo entre diversos fatores, que não explicitaremos neste trabalho, que envolvem a comunicação.

Por um lado, temos a coerência que é resultante das configurações que assumem os conceitos e relações subjacentes à superfície textual; por outro, temos a coesão que consiste na manifestação linguística da coerência, na maneira como os conceitos e relações subjacentes são expressos na superfície textual, por meio de mecanismos lexicais e gramaticais (VAL, 2004). A coesão e a coerência são capazes de relacionar os elementos do discurso dando-lhe nexos e proporcionando a apreensão de seu sentido por parte do leitor.

4 O USO DO COMPUTADOR COMO AUXILIAR DO PROFESSOR NA CORREÇÃO DE TEXTO: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E DESCRITIVO-ANALÍTICOS

A gramática da língua portuguesa tornou-se um destino indesejado pelos alunos, em virtude da incapacidade de as pessoas entenderem qual a função pragmática de se estudar esse tipo de conteúdo, o que irá indubitavelmente influenciar sobremaneira na formação de um leitor-produtor autônomo.

O computador, nesse contexto, embora não seja visualizado como um corresponsável pela formação desse estudante autônomo, é um grande aliado à constante prática de produção textual. No texto manuscrito, tem-se o rascunho como produto final, acabado, pois já se perdeu muito tempo elaborando e redigindo manualmente o texto, o que gera desmotivação para reler o próprio texto com um novo olhar mais crítico.

Por outro lado, essa situação muda drasticamente quando a criança se depara com processadores de texto como, por exemplo, o *word*. Ela elabora a primeira versão diretamente no computador, em seguida, pode fazer as correções facilmente numa cópia limpa e apresentável ao seu “leitor” (PAPERT, 1985, p. 48), em geral, o próprio professor^{viii}.

O autor complementa ainda:

Acredito que o uso de computadores como um instrumento para escrever oferece à criança uma oportunidade de se tornar mais semelhante aos adultos, e até mesmo aos profissionais

mais competentes, tanto na relação com sua produção intelectual quanto na sua relação consigo mesma. Entretanto, esse modo de utilização do computador provoca um verdadeiro choque com muitos aspectos da escola cujo efeito, para não dizer intenção, é “infantilizar” a criança (PAPERT, 1985, p. 49).

Com base em intensa pesquisa bibliográfica, que tentamos sintetizar neste artigo, propomos um trabalho cujos campos de coleta de dados foram uma escola privada de ensino fundamental e uma universidade privada, ambas localizadas no município de Presidente Prudente-SP.

Na escola de Ensino Fundamental, coletamos textos de alunos do 9º ano cuja proposta de redação segue abaixo.

Proposta de redação^{ix}:

Sabemos que os índios contemporâneos são diferentes dos índios de antigamente. Por razões diversas eles tiveram a cultura modificada, até talvez por influência da nossa cultura, portanto a visão que temos do índio hoje é diferente do que existia no passado. Faça um texto crítico à respeito dos índios com relação a cultura.

Após essa primeira etapa de coletas, os textos dos alunos foram digitados tais quais os manuscritos feitos por eles e dois dos textos foram selecionados: um considerado como bom e outro como ruim, conforme a ótica da Linguística Textual.

Na universidade privada, os participantes foram alunos do 5º período do curso de licenciatura em Letras, portanto, futuros e quase professores de Língua Portuguesa. Após amplo embasamento teórico da Linguística Textual, por meio de leituras, discussões e reflexões em sala de aula, esses graduandos foram instigados a colocar esse novo conhecimento adquirido em prática, corrigindo textos de alunos reais. Trata-se, portanto, de uma pesquisa de campo de um estudo de caso que, conforme Lüdke e André (1986), institui-se como uma forma de pesquisa qualitativa em que há focalização de um caso, simples ou específico, complexo ou abstrato, que deve ser bem delimitado e ter seus contornos definidos durante o processo de pesquisa. É um tipo de estudo que ocorre em um ambiente natural, pois focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada.

Para a correção dos dois textos, os graduandos utilizaram a ferramenta “inserir comentários”, disponível nas várias versões do *Word*, conforme demonstra a Figura 1 a seguir.

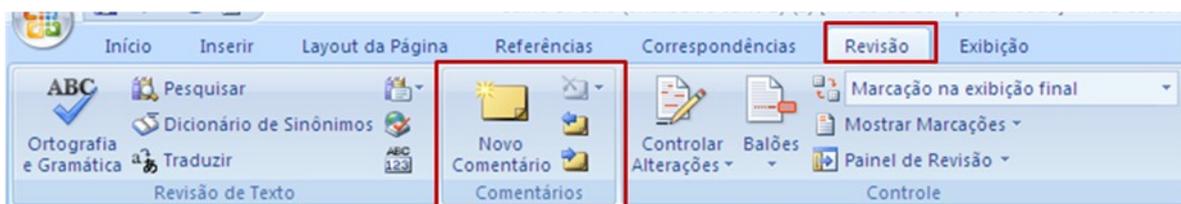


Figura 1: Ferramenta de revisão: “Comentário”

Utilizando a ferramenta acima demonstrada, os graduandos inseriram comentários nos textos dos alunos, buscando justificar as sugestões de correção. Devido à impossibilidade de

inserirmos em pouco espaço todas as produções textuais com os comentários e analisarmos cada um deles, apresentamos, abaixo, a Figura 2 com um dos textos com os comentários de um dos graduandos, a título de exemplo.

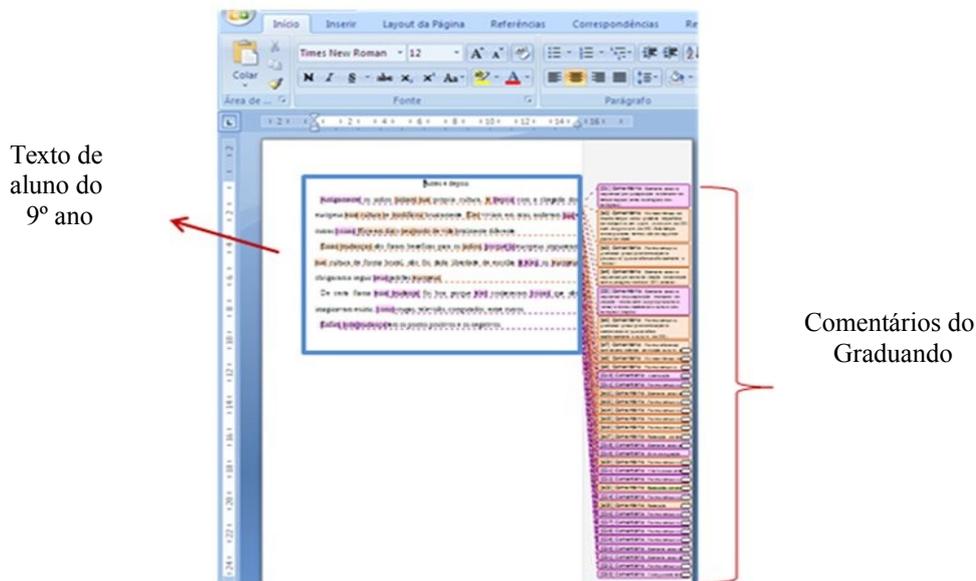


Figura 2: Texto com comentários

Todos os graduandos fizeram sugestões de correções para os mesmos dois textos e, após a correção, foi pedido que eles fizessem uma análise global, considerando os textos dos alunos do 9º ano, as correções que eles fizeram e o embasamento teórico adquirido previamente. A Figura 3 apresenta a análise feita por um dos graduandos participantes.

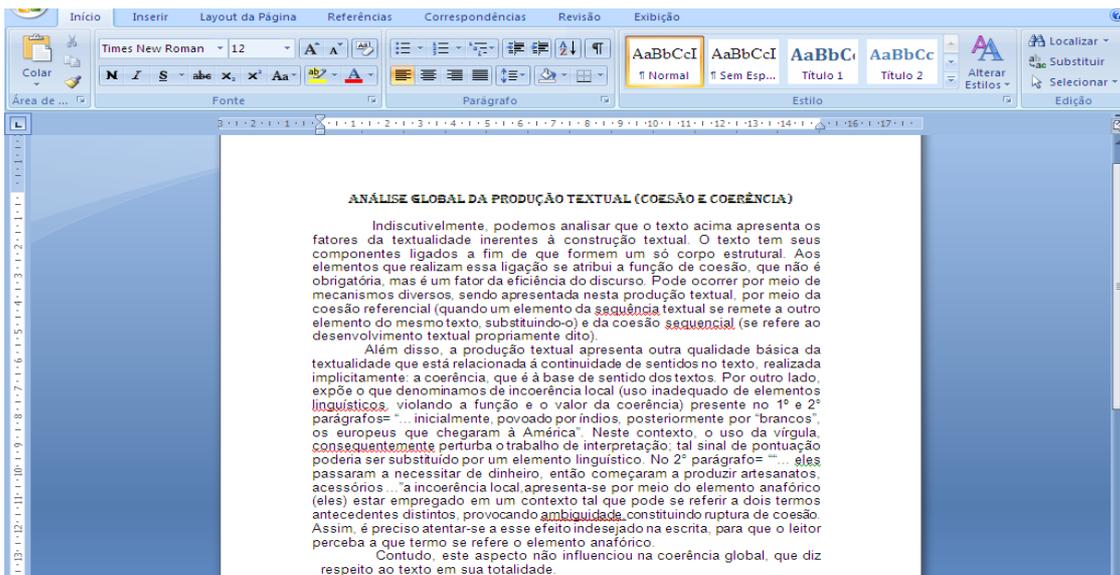


Figura 3: Análise global feita por um graduando.

A análise global foi redigida pelos graduandos em arquivo de *Word* ou compatível e postada na plataforma própria da universidade, juntamente com os comentários dos textos dos alunos, como atividade da disciplina Língua Portuguesa V, que compõe o quadro curricular do curso de Letras da instituição participante.

Com essa atividade, esses graduandos – futuros professores de língua portuguesa -, puderam vivenciar uma experiência comum na rotina docente: a correção de textos de alunos. Entretanto, em vez dos tradicionais comentários à caneta (vermelha), esses graduandos utilizaram uma ferramenta computacional que pode auxiliar o trabalho do professor, proporcionando ao autor do texto (o aluno) sugestões mais organizadas e com fácil visualização, podendo ocasionar uma melhor compreensão do que poderia ser melhorado em seu texto.

Por meio dos textos dos graduandos na análise global, pudemos observar que esses futuros professores encararam a ferramenta computacional como um auxiliador, facilitando e otimizando seu trabalho. Essa visão dos graduandos em relação à tecnologia caminha junto com a visão de Valente (2002), que afirma que o trabalho do professor como agente de aprendizagem é facilitado pela existência do programa de computador, pois ele facilita sobremaneira a possibilidade de o aprendiz achar seus erros (“bugs”) e de o professor entender o raciocínio e as atitudes de seus alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A breve descrição e reflexão da atividade mencionada representa apenas uma pequena parte da atividade proposta e, por meio dela, podemos dizer que o uso do computador como ferramenta pode provocar mudanças no processo educacional vigente.

A existência de diferentes modalidades de uso do computador na educação tem o objetivo de atender a diferentes interesses educacionais e econômicos, o que poderá fazer com que o computador torne-se um grande aliado dentro do processo educacional.

Ressaltamos que a ideia de espiral exposta aqui é adequada para se compreender como o computador pode auxiliar a aprendizagem e levar a entender certas ações de modo amplo. Ela representa uma abertura para outros aspectos como o estético e o emocional, os quais também estão ficando cada vez mais evidentes nos projetos desenvolvidos por meio do computador (VALENTE, 2002). Acima de tudo, tal ideia auxilia professores e alunos. Àqueles, por facilitar a prática docente, e estes, por fazer com que se tornem seres pensantes e atuantes, em outros termos, que realmente atuem seguindo uma corrente sociointeracionista.

REFERÊNCIAS

- CASTELLS, M. *A Sociedade em Rede*. Tradução de Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, M. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

D'AMBROSIO, U. *Da Realidade à Ação: Reflexões sobre Educação e Matemática*. São Paulo: Summus, 1986.

FREIRE, M. M. Formação tecnológica de professores: problematizando, refletindo, buscando... In: SOTO, U.; MAYRINK, M. F.; GREGOLIN, I. V. (Org.). *Linguagem, educação e virtualidade*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p. 13-28.

KOCH, I; TRAVAGLIA, L.C. *Texto e Coerência*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

KOCH, I. *A Coesão Textual*. 19 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

LEFFA, V. J. Fatores da compreensão na leitura. *Cadernos do IL (UFRGS)*, Porto Alegre, v. 15, n. 15, p. 143-159, 1996.

JOLY, M. C. R. A. (Org.). *A Tecnologia no Ensino: implicações para a aprendizagem*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo : EPU, 1986.

MARCUSCHI, L. M. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 1991.

MILL, D. Educação virtual e virtualidade digital: trabalho pedagógico na educação a distância na idade mídia. In: SOTO, U.; MAYRINK, M. F.; GREGOLIN, I. V. (Org.). *Linguagem, educação e virtualidade*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p. 29-52.

MOREIRA, M.A. Aprendizagem significativa: um conceito subjacente. *Actas Encuentro Internacional sobre el aprendizaje significativo*. Burgos. Espanha, 1997. p. 17-44.

PAPERT, Seymour. Computadores e Culturas do Computador. In: PAPERT, Seymour. *LOGO: computadores e educação*. Tradução de Tradução de José Armando Valente, Beatriz Bitelman e Afira Vianna Ripper. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 35-57.

PAPERT, Seymour. *LOGO: computadores e educação*. Tradução de Tradução de José Armando Valente, Beatriz Bitelman e Afira Vianna Ripper. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PIAGET, J. *A Equilibração das Estruturas Cognitivas*. Tradução de Marion Penna. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

POZO, J.I. *Teorias Cognitivas de Aprendizagem*. Tradução de Juan Acuña Llorens. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SCHMIDT, S. J. *Texttheorie, Probleme der Sprachlichen Kommunikation*. Munique: Fink, 1973.

OTO, U.; MAYRINK, M. F.; GREGOLIN, I. V. (Org.). *Linguagem, educação e virtualidade*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

TUNES, E. *Implicações Pedagógicas do Modelo Sócio-histórico-cultural*. São Paulo, Campinas:

Unicamp, Centro de Estudos Educação e Sociedade, 2000.

VAL, M. da G. da C. *Redação e Textualidade*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

VALENTE, J. A. Análise dos Diferentes Tipos de Software Usados na Educação. In: VALENTE, J. A. (Org.) *O Computador na Sociedade do Conhecimento*. Campinas: Unicamp/Nied, 1999. p. 89-110.

_____. A espiral da aprendizagem e as Tecnologias de Informação e Comunicação: repensando conceitos. In: JOLY, M. C. R. A. (Org.). *A Tecnologia no Ensino: implicações para a aprendizagem*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p 15-37.

_____. (Org.). *Formação de educadores para o uso da informática na escola*. Campinas, SP: Unicamp/Nied, 2003.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VYGOTSKY, L.S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fonte, 1991.

WALLON, H. *As origens do Pensamento na Criança*. São Paulo: Manole, 1989.

- i O verbo “ensinar”, aqui, não deve ser interpretado literalmente. No caso do primeiro, o computador assume o papel de máquina de ensinar e a abordagem educacional é a instrução auxiliada por computador, cujas raízes são os métodos tradicionais, semelhantes ao do método do papel ou do livro. No outro extremo, para o aprendiz “ensinar” ao computador, o software funciona como uma linguagem computacional. Nesse caso, o computador passa a ser visto como uma ferramenta que possibilita ao aprendiz resolver problemas ou realizar tarefas como desenhar, escrever, comunicar-se etc.
- ii Consideramos a possibilidade de utilizarmos em vez do *Word* o Libreoffice/OpenOffice/BrOffice, visto que somos adeptas à filosofia do *software* livre. Entretanto, a falta de familiaridade dos participantes com esse *software* poderia comprometer nossa pesquisa.
- iii Abordamos o termo tecnologização no sentido de “tornar-se tecnológico”.
- iv Neste trecho fazemos alusão à teoria de Ausubel. Para ele, “a aprendizagem significativa é um processo por meio do qual uma nova informação relaciona-se com um aspecto relevante da estrutura do conhecimento do indivíduo”. Por outro lado, a aprendizagem mecânica é “uma aprendizagem de novas informações com pouca ou nenhuma relação com conceitos relevantes existentes na estrutura cognitiva.” Portanto, nesse caso, a informação é armazenada arbitrariamente, o que não seria o mais indicado. (MOREIRA, 1997, p. 128-129). Já para Vygotsky, “não é possível entender a aprendizagem significativa sem referência ao contexto social, histórico e cultural em que ocorre.” Aspecto também importante para o desenvolvimento das ideias desse trabalho. Dessa forma, podemos dizer que, de modo geral, a aprendizagem significativa envolve aquisição/construção de significados, o que seria análoga à internalização de instrumentos e signos de Vygotsky (MOREIRA, 1997, p. 26-27).
- v Segundo Piaget, o processo cognitivo não é resultante da soma de aprendizagens pontuais, mas está regido por um processo de equilíbrio. Assim, para ele, a partir de uma metáfora retirada da biologia, a “assimilação é a integração de elementos exteriores e estruturas em evolução ou já acabadas no organismo”. Portanto, a assimilação consistiria no processo por meio do qual o sujeito interpreta a informação que provém do meio, em função de seus esquemas disponíveis. A acomodação seria, então, a modificação dos esquemas assimilador ou de uma estrutura, causada por elementos que assimilam (POZO, 1998, p. 178-180).
- vi O que nos remete à Educação Bancária proposta por Paulo Freire.
- vii Stefan Zweig foi um escritor europeu que, antes de se suicidar, escreveu o livro “Brasil, país do futuro”, livro em que retrata nosso país de modo totalmente ufanista.
- viii É muito interessante observar o relato de muitos alunos que afirmam não reestruturarem seus textos porque seus professores não gostam de encontrar rasuras nos mesmos. O uso da ferramenta *word* facilitaria muito esse aspecto.
- ix Proposta digitada tal qual escrita pela professora da sala.